



Neamp

A violência é cega: Reflexões em torno de Ensaio sobre a Cegueira de José Saramago.

Gilberto Lopes Teixeira*

Se isso é um homem

Vós que viveis tranquilos

Nas vossas casas aquecidas

Vós que encontráis regressando à noite

Comida quente e rostos amigos:

Considerai se isto é um homem

Quem trabalha na lama

Quem não conhece a paz

Quem luta por meio pão

Quem morre por um sim ou por um não

Primo Levi.

Resumo: Este artigo realiza uma reflexão em torno da obra “Ensaio sobre a cegueira” de José Saramago, ressaltando a presença constante na obra do tema da violência em suas diferentes manifestações: pessoal, social e institucional.

Palavras-chave: Ensaio sobre a cegueira, José Saramago, violência

Abstract: This article is a reflection on the novel “Ensaio sobre a cegueira” from José Saramago, pointing out the constant presence of the theme of violence in the work in its different manifestations: personal, social and institutional.

Key-words: Ensaio sobre a cegueira, José Saramago, violence.

Há pelo menos dois séculos a literatura tem sido o mais eficiente mecanismo de mergulho na alma humana em busca dos sentimentos mais obscuros e profundos. Através dela, os homens tem conseguido obter acesso a segmentos de sua psiquê que permanecem, na maior parte do tempo, inacessíveis e para os quais a visão comum é inteiramente cega.

Entre os nomes da literatura contemporânea que maior sucesso obtiveram em realizar esse mergulho abismal aos recônditos da alma está o de José Saramago. Em obras magistrais e de grande profundidade filosófica, o escritor português tem se mostrado um arguto observador do humano, de suas mazelas, mas também de suas belezas insuspeitas, dotando seus leitores



Neamp

de lentes poderosas que ampliam a visão da condição humana para muito além das obviedades do cotidiano.

É isto o que podemos encontrar em sua obra, escrita em 1995 e denominada “Ensaio sobre a cegueira.” No presente artigo procuraremos apenas realizar algumas observações acerca dessa obra. O objetivo aqui é, movidos por uma preocupação com o tema da violência, explorar as várias dimensões em que se pode pensá-la no âmbito das relações humanas, seja do ponto de vista institucional, seja na perspectiva pessoal ou social.

O artifício discursivo mais amplamente utilizado por Saramago nesta obra é o da metáfora, figura de linguagem que potencializa seu texto, dotando-o de uma grande dramaticidade, mas também de sutilezas comparativas que lhe permitem aprofundar a compreensão do comportamento humano. A metáfora central, articuladora de toda a narrativa, é a da cegueira. Como em outros textos do mesmo autor, é um evento inexplicável e inacreditável que põe em curso os acontecimentos. No caso em questão, o evento é um súbito mal que causa em suas vítimas uma estranha condição de privação completa do sentido da visão, absolutamente sem nenhuma causa fisiológica ou anatômica, redundando numa cegueira que distingue-se da cegueira convencional por não ser de trevas, mas uma cegueira branca, como se a vítima mergulhasse num mar de leite. A primeira vítima de tal acontecimento trágico é um cidadão que é acometido do mal enquanto dirige seu automóvel, causando uma temporária paralisação do trânsito dos veículos até que a vítima seja acudida por um transeunte que se prontifica a levá-lo até sua residência. Ainda nas primeiras páginas da história nos inteiramos de que a boa vontade do cidadão que se dispôs a ajudar, escondia a intenção mesquinha de aproveitar-se da condição da vítima para roubar-lhe o veículo. O autor nos convida a penetrar nas intenções e pensamentos do larápio:

“Ao oferecer-se para ajudar o cego, o homem que depois lhe roubou o carro não tinha na mira, nesse momento preciso, qualquer intenção malévola, muito pelo contrário, o que ele fez não foi mais que obedecer àqueles sentimentos de generosidade e altruísmo que são, como toda a gente sabe, duas das melhores características do gênero humano, podendo ser encontradas até em criminosos bem mais empedernidos do que este, simples ladrãozinho de automóveis sem esperança de avanço na carreira (...) Foi só quando já estava perto da casa do cego que a ideia se lhe apresentou com toda a naturalidade, exactamente, assim se pode dizer, como se tivesse decidido comprar um bilhete da lotaria só por ter visto o cauteleiro, não teve nenhum palpíte, comprou a ver que dali saía (...)” (Saramago, 1995 p.25)

Esse gesto é o primeiro de uma enorme série de situações em que o pior e o melhor do ser humano será demonstrado em face dessa situação limite de fragilização. A tentação do mal, como podemos denominá-la, é insidiosa e se esgueira a partir de um distorcido censo de oportunidade que sempre está presente, mas é potencializado pela cegueira. A intenção da metáfora é demonstrar que a cegueira é a condição natural do ser humano contemporâneo. Cegos estamos para aquilo que dá sentido à vida humana, aos valores que instituíram a ideia



Neamp

mesma de civilização, os valores básicos da solidariedade social, a perspectiva da defesa dos mais frágeis perante a cobiça dos mais fortes. É de fundo ético a cegueira que corrói nossa alma e que nos desumaniza dia a dia. No entanto, será necessário o advento de uma cegueira física e concreta para que, aos poucos, suas vítimas possam finalmente “ver” esta outra cegueira, mais profunda e mais devastadora que ameaça nossa civilização.

O leitor, mergulhando na metáfora construída habilmente por Saramago, será acometido não da terrível cegueira das personagens, mas da visão lúcida e cruel da podridão que nos tomou a alma.

Logo a cegueira que atingiu o homem no volante começa a vitimar um grande número de pessoas, a começar pelo próprio ladrão, momentos antes de deixar o local em que roubou o carro.

O médico que atende o paciente e que no dia seguinte também está cego tenta avisar as autoridades sanitárias do país de que essa doença parece ter uma componente contagiosa que ele ainda não consegue precisar, mas que exige medidas urgentes para ser contida. A partir de então este médico e sua esposa passarão a ser os personagens centrais da narrativa. Rapidamente o médico é alertado de que deve separar pertences mínimos pois juntamente com outros doentes, será recolhido a uma condição de isolamento físico para evitar o alastramento da doença.

A partir de então todos os que estão acometidos pelo mal da cegueira misteriosa perdem qualquer condição de tomar decisões sobre suas vidas, pois estão destituídos de sua individualidade e inteiramente entregues ao arbítrio das autoridades. Aí se evidencia a primeira grande ação de violência, aquela perpetrada pelo Estado contra os indivíduos, que serão encarcerados e privados do convívio de seus parentes. Nessa oportunidade apresenta-se também a mulher do médico, que embora não esteja cega e jamais adquira a doença durante toda a narrativa, será o constante contraponto de todos os demais personagens. Diante da perspectiva de ver-se separada do amado marido ela mente, dizendo aos funcionários que vão buscá-lo que também ela cegou.

O Estado deste desconhecido país, que por isso mesmo pode ser qualquer país do mundo, decide isolar todos os doentes da cegueira branca numa edificação com várias salas, cada uma delas contendo vários leitos onde os cegos permanecerão completamente isolados e vigiados. A mulher do médico (essa será sua única identificação por toda a narrativa) é a única pessoa cuja presença no isolamento foi resultado exclusivo de sua vontade, e isso a põe na condição de ser livre entre homens e mulheres encarcerados. O lugar onde os cegos serão alojados funciona como uma metáfora do próprio mundo em que os homens procuram viver como podem, lutando por míseras melhorias em sua condição de existência ainda que isso implique em tornar mais miserável a vida alheia.

A partir de estarem os cegos encarcerados, a verdadeira face da violência terá lugar. Todos estão fragilizados, todos destituídos da possibilidade de usarem as máscaras sociais consagradas, constituídas das aparências que os olhos veem, e ao invés dessa situação niveladora inspirar a solidariedade, a colaboração mútua, torna-se a beirada de um abismo moral ao qual se precipitam todos os cegos. A personagem da mulher do médico, que continua persistentemente com sua visão intacta, desafia o leitor com a questão: Será ela a única a manter a sanidade em face do caos absoluto por ser a única que ainda enxerga, ou ao



Neamp

contrário, é a única que não foi acometida pela cegueira branca por ser a única saudável, desde sempre, da doença moral que gerou a cegueira?

Com ela e seu marido, somos introduzidos no sombrio manicômio dos cegos, onde as condições de vida lembram muito as desumanas condições dos campos de concentração dos regimes totalitários do período entre guerras, com o agravante de que não há soldados ou agentes do Estado que submetam os reclusos a violência que é típica dessas instituições mas apenas os próprios cegos que numa luta desumana pela sobrevivência e pelos escassos recursos que lhe são destinados impõem um regime de extrema violência. A repressão e a violência provinda do mundo exterior resumem-se aos guardas que das guaritas de segurança vigiam os cegos, impedindo que deixem o lugar.

Os víveres, que são deixados nas áreas comuns da edificação logo se tornam armas de poder entre os cegos, já que uma sala dos cegos menos escrupulosos e que inexplicavelmente possuem armas de fogo, passam a recolher os alimentos e vendê-los as demais salas em troca, a princípio de objetos pessoais de valor. A ironia desta situação é que os cegos que perpetraram esse ato de violência não tem a menor perspectiva de fazer uso desses bens e nem são capazes de consumir todos os víveres, o que torna incrivelmente sem sentido seus atos. A violência, perpetrada assim de forma gratuita e sem benefício aparente a seus autores revela a especial cruzeza de sua lógica: ela basta por si mesma, não requer uma razão que esteja fora dela. Os cegos maus a praticam e dela extraem um prazer que basta por si só.

Os demais cegos, a despeito de seus protestos, submetem-se e recolhem todos os seus bens com a finalidade de comprar sua subsistência. A mulher do cego acha-se numa situação especialmente delicada, uma vez que sua visão intacta torna-se seu maior segredo, pois teme tornar-se escrava de todos os cegos uma vez que sua condição torne-se pública. Dela seria exigido que estivesse, por compaixão, a serviço de todos os que não podem ver. A situação alcançará seus limites quando a cobiça e a desumanidade dos cegos avançar mais um passo:

“Passada uma semana, os cegos malvados mandaram recado de que queriam mulheres. Assim, simplesmente. Tragam-nos mulheres. Esta inesperada, ainda que não de todo insólita, exigência causou a indignação que é fácil de imaginar, os aturdidos emissários que vieram com a ordem voltaram logo lá para comunicar que as camaratas, as três da direita e as duas da esquerda, sem exceção dos cegos e cegas que dormiam no chão, haviam decidido, por unanimidade, não acatar a degradante imposição, objectando que não se podia rebaixar a esse ponto a dignidade humana, neste caso feminina (...). A resposta foi curta e seca, Se não nos trouxerem mulheres, não comem.” (...) (José Saramago, p.165).

Deste ponto em diante, os cegos, sejam os opressores ou os oprimidos, começaram a tencionar as relações entre eles, numa espiral de violência cada vez mais estreita. Os cegos opressores são fortalecidos não apenas pelo fato de terem armas de fogo, mas por terem em seu grupo um cego de nascença. Ele não contraiu a cegueira branca que atingiu a todos, mas é portador da convencional cegueira de trevas e a possui desde que nasceu, de forma que está, para os



Neamp

habitantes do manicômio como estaria para os homens comuns um super-homem. Seus sentidos são muito mais aguçados do que o de todos os confinados.

A existência desta personagem evidencia mais uma das ironias do texto de Saramago. De todos os homens, aquele que melhor poderia entender as mazelas vividas pelos doentes, aquele que conviveu por toda a vida com as limitações que a cegueira impõe, é justamente o que maior ameaça representa, pois sabe tudo o que se deve saber para viver cego, e que pode tirar vantagem da inexperiência alheia.

A violência a partir de então galga mais um degrau. Não se trata apenas de destituir os cegos explorados de objetos pessoais pelos quais tivessem mais ou menos apreço, mas o que exigiam agora os cegos exploradores era a dignidade, arrancada quer das mulheres quer de seus homens, além de expor - como numa fratura - as contradições próprias do multimilenar conflito entre os gêneros. Os homens logo tendem a perceber que seus escrúpulos morais em relações a suas mulheres é facilmente superado por suas necessidades físicas e passam a empurrá-las em direção aos animais da sala dos cegos opressores. Elas, por sua vez, entendem que nada podem fazer senão novamente submeter-se e ainda ter que conviver posteriormente com o asco de seus maridos ou amantes.

É curioso que em meio as discussões sobre como iriam agir aqueles que eram intimados, seja a mulher do médico a primeira a ver a inevitabilidade do destino das mulheres e a primeira a candidatar-se a atender as exigências de seus opressores. As demais mulheres, inclusive aquelas que a princípio negavam a possibilidade de render-se a volúpia dos malvados, começam aos poucos a entender a situação em todas as suas circunstâncias e a somarem-se como voluntárias ao sacrifício. Na primeira oportunidade a mulher do médico e as outras mulheres de sua ala submetem-se aos cegos da ala dos malvados e, apesar do asco ela não se insurge contra seu destino. Apenas quando as mulheres de uma outra ala são intimadas a comparecer e prestar sua parte de sacrifício, portanto, diante do sofrimento alheio e não do próprio é que a mulher do médico alcançará seu limite e tomará a decisão que mudará a sorte de todos os cegos. De posse de uma tesoura que ela havia guardado consigo desde sua chegada a personagem central da história invade a ala dos cegos opressores e aproveitando-se de sua visão e da cegueira de seus adversários invade sem ser notada a ala dos cegos opressores, acha o líder deles e crava-lhe na garganta a tesoura aberta como duas adagas. O diálogo que então tem lugar entre a mulher do médico e o cego de nascença é revelador:

“ Parada à entrada da camarata, a mulher do médico gritou com fúria, Lembrem-se do que eu no outro dia disse, que não me esqueceria da cara dele, e daqui em diante pensem no que vos digo agora, que também não me esquecerei das vossas, Há de pagar-mas, ameaçou o cego da contabilidade (...) Não sabes quem eu sou nem donde vim, (...) A voz não me engana, basta que pronuncies uma palavra e estás morta, O outro também tinha dito isso e aí o tens, Mas eu não sou cego como ele, como vocês, quando vocês cegaram já eu conhecia tudo do mundo, Da minha cegueira não sabes nada, Tu não és cega, a mim não me enganas, Talvez eu seja a mais cega de todos, já matei e tornarei a matar se for preciso, Antes disso morrerás de fome, (...) Por cada dia que estivermos



Neamp

sem comer por vossa culpa, morrerá um dos que aqui se encontram, basta que ponha um pé para fora dessa porta” (José Saramago, 1995, p.187-188).

A fala da mulher do médico mostra claramente que ela entende a relação entre a cegueira física e a cegueira ética de que trata toda a história ao admitir que seu ato, embora possa ser compreendido como um gesto de auto-defesa, privou um homem da vida e portanto fez dela alguém mais cego do que todos os cegos juntos. Essa consciência profunda da condição humana e de seus compromissos com os demais humanos e consigo mesmo é precisamente o que faz dessa personagem a única pessoa capaz de ver dentro desse recinto. Em defesa de todos os fracos, especialmente das mulheres, de seus corpos, de sua dignidade humana, ela abre mão de sua visão e de sua lucidez e mergulha de cabeça na cegueira de todos.

Já disse há pouco que a condição dos cegos no romance de Saramago, lembra um pouco as condições abjetas dos campos de concentração dos regimes totalitários do século XX. Essa semelhança da-se menos pelas condições de sobrevivência que são próximas nos dois casos, e muito mais pela reflexão sobre a natureza humana que cada uma dessas condições permitem. Nesse sentido, o relato de sobreviventes de campos de concentração podem ser úteis. Estamos nos referindo a escritores como Primo Levi, judeu italiano nascido em 1919 e que viveu o ano de 1944 no campo de concentração de Auschwitz como prisioneiro dos alemães. Primo Levi destaca-se neste aspecto por ter se tornado um grande memorialista e por conseguir traduzir como poucos os significados mais profundos dessas dolorosas experiências concentracionais e suas implicações no entendimento da natureza humana.

Em um de seus textos denominado *É isso um homem* Levi produz um vívido relato de suas experiências no campo de concentração e através dele procura especular acerca do que as condições criadas nesses campos são capazes de fazer com a humanidade e a individualidade de seus prisioneiros. O curioso nestes relatos é que Levi não se rende a facilidade de apresentar os soldados do campo como os únicos vilões e a fonte de todo o mal. Ao contrário, a crueldade irracional dos guardas do campo aparece sim, mas como uma força distante que pontua a narrativa, mas sua atenção maior se concentra nos próprios prisioneiros e na forma como eles lidam com as desprezíveis migalhas de poder que as autoridades do campo colocam em suas mãos.

O aspecto realmente perturbador do relato de Levi é que nossa civilidade, aquilo que tanto prezamos em nosso comportamento cotidiano é, no caso da grande maioria das pessoas, apenas uma fina camada de verniz que pode ser facilmente retirada numa situação limite como é a de um campo de concentração, revelando por baixo uma crueldade que não diferencia muito as vítimas dos algozes. Em muitos trechos de seus relatos, suas próprias atitudes diante dos desafios impostos pelo campo de concentração são analisadas sob o foco de uma lupa, mostrando que ele, como qualquer outro indivíduo dentro do campo, agiu movido muitas vezes pelo instinto de sobrevivência, pondo em risco a sobrevivência de seus companheiros de desventura.

Essa observação aguda de Levi parece não ter outra razão senão demonstrar que os oficiais do exército alemão, sob o nazismo, conseguiram criar um ambiente capaz de reduzir a nada todos os elementos que acreditamos serem constitutivos da natureza humana, transformando-nos no animal que bem no fundo de nós, ainda somos.



Neamp

A violência demonstra-se, em casos limites como o do campo ou o do relatado por Saramago, mas permitindo uma generalização para as circunstâncias cotidianas, um elemento quase constitutivo da natureza humana, manifestando-se espontaneamente no caso de alguns e apenas em condições especiais em outros casos. Isso nos obriga a compreender que embora possamos lutar contra a violência como algo que não queremos é necessário que saibamos que ela está profundamente arraigada em nós e que não nos livraremos dela tão facilmente.

Essa percepção perturbadora da natureza humana foi também objeto da reflexão de duas das mentes mais poderosas do nosso tempo. Por conta das ações internacionais promovidas no final da Segunda Guerra Mundial com vistas a formar a Liga das Nações, órgão que seria destinado a prevenir a possibilidade da eclosão de novas guerras, vários cientistas engajados em posições pacifistas foram mobilizados para ajudar na busca de soluções que garantissem ao mundo um conjunto de salvaguardas jurídicas para que flagelos da dimensão da I Grande Guerra não voltassem a ocorrer.

Uma dessas personalidades foi o físico alemão Albert Einstein que mostrou-se um grande pacifista e que realizou muitas ações práticas e teóricas com o fim de auxiliar nesta nobre tarefa. Enquanto esteve envolvido neste esforço durante a década de 1930, Einstein correspondeu-se com outros intelectuais de seu tempo, convidando-os a somarem-se a esse esforço. Um desses notáveis foi seu conterrâneo, o psiquiatra alemão Sigmund Freud. O contato havia sido feito inicialmente com a intenção de que, do ponto de vista psiquiátrico, o médico pudesse oferecer alguma contribuição ao esforço de minorar os riscos de que a humanidade novamente mergulhasse num cenário de guerra generalizada como já havia acontecido. Em resposta a essa solicitação, Freud escreve, em setembro de 1932 uma resposta a Einstein em que expõe suas opiniões acerca do assunto, mostrando-se muito mais pessimista acerca da possibilidade do que gostaria seu colega físico.

Na abordagem de Freud, o grande problema residia na impossibilidade de separar, na natureza humana, os instintos de preservação ou alto conservação, a que ele denominava princípios eróticos e os instintos destrutivos ou instintos de morte. Num trecho de sua carta Freud diz:

“Así, la pulsión de autoconservación es sin duda de naturaleza erótica, pero justamente ella necesita disponer de la agresión si es que ha de conseguir su propósito. De igual modo, la pulsión de amor dirigida a objetos requiere un complemento de pulsión de apoderamiento si es que ha de tomar su objeto. La dificultad de aislar ambas variedades de pulsión en sus exteriorizaciones es lo que por tanto tiempo nos estorbó el discernirlas. (Sigmund Freud, 1932)

Sendo assim, segundo o psiquiatra, jamais nos será possível livrar-nos inteiramente de nossas pulsões agressivas sem comprometermos irremediavelmente nossas pulsões eróticas. Em sua avaliação é como se os seres humanos fossem feitos, em igual medida desses dois ingredientes e eles estivessem de tal forma imbricados que não nos fosse possível isolar qualquer um deles. Freud ia além em sua reflexão, dizendo que não são circunstâncias transitórias da condição humana como a escassez de recursos de sobrevivência ou a injustiça proveniente da sensação de desigualdade que alimentam nossas pulsões destrutivas, mas elas estão em nossa natureza independentes do mundo exterior. Em suas palavras:



Neamp

“Dicen que en comarcas dichosas de la Tierra, donde la naturaleza brinda con prodigalidad al hombre todo cuanto le hace falta, existen estirpes cuya vida transcurre en la mansedumbre y desconocen la compulsión y la agresión. Difícil me resulta creerlo, me gustaría averiguar más acerca de esos dichosos. También los bolcheviques esperan hacer desaparecer la agresión entre los hombres asegurándoles la satisfacción de sus necesidades materiales y, en lo demás, estableciendo la igualdad entre los participantes de la comunidad. Yo lo considero una ilusión, Por ahora ponen el máximo cuidado en su armamento, y el odio a los extraños no es el menos intenso de los motivos con que promueven la cohesión de sus seguidores.” (Sigmund Freud, 1932)

Essa seria portanto, na visão de uma das mentes mais brilhantes, a origem dos comportamentos violentos que nos foram apresentados de maneira crua no romance de José Saramago. É claro que não queremos dizer apenas que esta é a nossa natureza e que todos nos devemos identificar com os cegos opressores - até porque o próprio Freud admite que a pulsão de morte pode apresentar manifestações patológicas às quais ele dedicava grande parte de seu tempo como terapeuta – mas sim que em alguma medida a mulher do médico na narrativa de Saramago, foi vítima da mesma pulsão que moviam os cegos opressores.

Por fim, o romance não se conclui com os cegos encerrados até o fim de suas vidas dentro desse manicômio sombrio. Um incêndio nas dependências do edifício obriga a saída de todos eles do encarceramento, apenas para constatar a inutilidade de sua reclusão, pois, não obstante, toda a cidade e aparentemente todo o mundo foi vítima do mal da cegueira branca. Os personagens que dividiam a ala com a mulher do médico e seu marido saem juntos e constataam uma cidade completamente destruída em que vagam pelas ruas, cegos, alguns poucos habitantes tentando sobreviver. O grupo decide permanecer junto, acreditando ser essa a melhor forma de sobreviver e sabendo que não podem dar-se ao luxo de dispensar os préstimos da única pessoa no mundo que ainda enxerga. Do lado de fora novos desafios serão apresentados ao grupo, mas o senso cada vez mais forte de solidariedade, que foi mantido contra todas as previsões pela mulher do médico durante o tempo encarcerados, vai prevalecer cada vez mais tornando essas pessoas uma comunidade, no sentido mais profundo da palavra.

Procuramos aqui apenas realizar algumas reflexões que nos foram suscitadas pelo belíssimo texto deste extraordinário escritor português, que conseguiu nessa obra, com rara maestria, cumprir a promessa que constantemente nos faz a literatura: acercar-nos mais e mais da compreensão de nossa natureza, permitindo-nos realizar, com lucidez, o conselho que é epígrafe de Ensaio sobre a cegueira:

“ Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara.”

Notas



Neamp

*Professor Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo. Professor Titular de História da América do Centro Universitário Fundação Santo André.

Bibliografia

FILHO, Odil José de Oliveira e PALLOTA, Miriam Giberti. “O ensaio sobre a cegueira, de José Saramago, sob a ótica do Existencialismo de Sartre.” IN: *Anais do XI Encontro Regional da ABRALIC 2007* .

Disponível em: http://www.abralic.org.br/enc2007/programacao_simposios.asp consultado em 03/12/2009

FREUD, Sigmund. *Carta del Dr Freud al profesor Einstein sobre la violencia y la guerra. Viena, 1932.*

Disponível em: http://mobbingopinion.bpweb.net/artman/publish/article_512.shtml consultado em 05/12/2009

LEVI, Primo. *É isso um homem?* Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

TODOROV, Tzvetan. *Memória do mal, tentação do bem. Indagações sobre o século XX*. São Paulo: Arx, 2002.